

18 – DOM JOÃO BATISTA COSTA, SDB

* Luiz Alves-SC: 22-12-1902

(94 anos)

† Porto Velho-RO: 16-04-1996

De família profundamente cristã, nasceu em Luiz Alves SC, aos 22 de dezembro de 1902, filho de Luiz Costa e Esperança Lazaris. Em 1918, já estava no aspirantado de Lavrinhas, sob a direção do grande e virtuoso salesiano, o futuro Dom Antônio de Almeida Lustosa. Sempre em Lavrinhas, fez o noviciado, coroando-o com a profissão religiosa aos 28 de janeiro de 1925.

Fez os dois anos de filosofia e o tirocínio na mesma casa. Depois foi estudar teologia no Instituto Internacional da Crocetta, em Turim, de 1929 a 1932.

Foi ordenado sacerdote, aos 9 de julho de 1933, em Turim, na Basílica de Maria Auxiliadora.

Celebrou a primeira Missa na matriz de Canale D'Agordo, terra natal de seus pais, rodeado pelos tios e primos. Quem ajudou a Santa Missa foi o seminarista da mesma aldeia, Albino Luciani, que mais tarde seria o Papa João Paulo I.

Voltando para o Brasil, foi professor no Instituto Pio XI, na Lapa. Depois diretor da Escola de Campinas, diretor do colégio do Rio Grande, e por último Diretor do Liceu Coração de Jesus de São Paulo, quando aos 6 de outubro de 1946, foi eleito Bispo titular de Scilio, e Prelado de Porto Velho, RO. Foi sagrado Bispo do Santuário Coração de Jesus de São Paulo, aos 30 de novembro de 1946.

Após uma longa viagem de 62 dias, aos 9 de março de 1947 chegava a Porto Velho. A primeira surpresa foi quando o prefeito da cidade, entregando-lhe as chaves simbólicas, lhe disse: "Aqui nestas chaves, o senhor recebe Porto Velho onde há duas mil e quinhentas pessoas. Há também mil e quinhentos cachorros!"

Depois da leitura do documento pontifício na catedral, tomou posse, e puxou o discurso, já preparado... Porém, quando viu que o povo começava a cochilar... guardou o discurso no bolso, e deixou falar o coração... e foi quando o povo prestou atenção.

Meia hora antes do almoço, cansado como estava, foi para o quarto, fechou a porta: “Ao entrar no quarto, sozinho me ajoelhei aos pés da cama. E ali, comecei a soluçar, como uma criança. Não podia conter o choro. Dizia para mim mesmo: “João, onde é que você veio cair?”.

“Mas pensando nos padres salesianos que trabalharam na mesma Prelazia, e foram heróis... Por que eu não poderei imitá-los? Coragem!”

Contudo, como Abraão, “contra a esperança, acreditou na esperança”. Durante 49 anos dedicou-se, sacrificou-se pela Prelazia-Diocese de Porto Velho, trabalhando apostolicamente na ativa, e nos últimos anos rezando e oferecendo seus sofrimentos pela sua querida e amada Diocese de Porto Velho.

“De coração, lembro algo dele: sua humildade, o seu zelo apostólico, sua vida de aspirante edificante, sua piedade, uma santidade como certamente Dom Bosco queria. Durante a teologia, foi eleito pelos colegas (de todas as Inspetorias estrangeiras), Vice-Assistente dos estudantes de Teologia.

“Esse é um elogio que pouca gente sabe” (Pe.Iran Corrêa, em carta aos 27 de abril de 1996 a Dom Miguel. Pe. Irán foi colega de Dom João desde 1918).

Em Dom João Batista Costa, perdi um grande amigo, um grande conselheiro, que durante 7 anos de provincial e 34 de bispo, nos aconselhávamos mutuamente e nos ajudávamos!

Em Dom João perdi um verdadeiro irmão, por 6 motivos: 1º, filhos de Deus. 2º, cristão. 3º, salesianos. 4º, sacerdotes. 5º, Bispos. 6º, Bispos eméritos.

“Morre Dom João Batista Costa, o Bispo dos pobres, foi a manchete da primeira página de um jornal de Porto Velho.

“Ninguém realizou tanto, em prol dos pobres e carentes, anonimamente, como Dom João”, escreve o editorialista de outro Diário da Capital. Em verdade, quem não ficou impressionado pela maneira humilde e caridosa de Dom João, atendendo aos pobres?

Este bispo que amava e servia os pobres, tinha um coração de pobre, uma atitude humilde, um comportamento sem vaidade. Em seu encontro com os que o procuravam ou que ele visitava à beira dos rios, dos lagos e nos seringais, Dom João como os apóstolos Pedro e João, “não tinha nem ouro nem prata,”

mas tudo o que tinha recebido de Deus e da Igreja, ele dava em profusão: a ternura do Pai, a presença de Jesus, a força do Espírito Santo. Como os missionários que tudo deixam por amor de Cristo, para viver nos lugares inóspitos e perigosos.

Não tenhamos dúvida, Dom João em Porto Velho, foi uma bênção de Deus! O homem certo para a época certa! Ele foi o primeiro que abriu picadas, lançou sementes, para que outros pudessem colher frutos abundantes. Dom João escreveu uma belíssima página da história de Rondônia, que não se pode deixar perder.

Entretanto, este homem alegre, que gostava de cantar e tocar gaita, como verdadeiro discípulo de Cristo Jesus, teve que derramar lágrimas secretas, muitas e muitas vezes, em decorrência de calúnias e de perseguição, que não lhe foram poupanados a começar de jovem Bispo de Porto Velho até idade avançada. O discípulo não está acima do Mestre. Dom João sempre saiu-se vitorioso, porque estava sob a proteção da Virgem Mãe Auxiliadora, como está no escudo episcopal.

Dom João era bom escritor, escrevendo especialmente a seminaristas, noviços salesianos, padres, narrando episódios de suas viagens apostólicas pelos rios, igarapés e lagos. Onde havia gente, aí chegava Dom João, para cumprir seu dever de pastor. No Rio Machado foi sozinho, porque ninguém quis acompanhá-lo, visitar os índios Boca Preta. Era a primeira vez que um civilizado visitava aquelas malocas.

Salvou uma indiazinha que ia ser sacrificada, porque raquítica e desenganada. Levou-a consigo e batizou-a dando-lhe o nome de Maria Auxiliadora.

Apanhou várias vezes a malária. Uma vez, estava no hospital em estado de coma, e ouviu o médico que disse à Irmã enfermeira: "Dom João morreu". Um mês depois, encontrando-se com o médico, lhe disse: "aqui está Dom João que morreu".

Dom João Batista Costa, foi timoneiro seguro e fiel à Igreja no governo da Diocese de Porto Velho. Como religioso, observante das Santas Regras. Como Bispo, digno sucessor dos Apóstolos. Dele podemos dizer: "passou fazendo o bem, a todos e mal a ninguém".